

# CISION®

## PRESS BOOK

Relatório Clipping Barómetro

CISION

## Revista de Imprensa

1. Telessaúde usada em 87% dos hospitais, mas inteligência artificial não chega a metade, Cidade Online, 04/06/2019	1
2. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Correio da Manhã Online, 04/06/2019	3
3. Telessaúde em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Dinheiro Vivo Online, 04/06/2019	5
4. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Diário de Notícias Online, 04/06/2019	7
5. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Impala Online, 04/06/2019	8
6. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Informa+ Online, 04/06/2019	10
7. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Jogo Online (O), 04/06/2019	12
8. Telessaúde é usada em 87% dos hospitais do SNS, Jornal Económico Online (O), 04/06/2019	13
9. SNS: telessaúde usada em 87% dos hospitais, Jornal Médico.pt Online, 04/06/2019	15
10. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Lusa Online, 04/06/2019	17
11. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Netfarma Online, 04/06/2019	18
12. Telessaúde usada em 87% dos hospitais do SNS, Notícias ao Minuto Online, 04/06/2019	19
13. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Notícias de Coimbra Online, 04/06/2019	21
14. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Observador Online, 04/06/2019	23
15. Telessaúde é uma prioridade mas as infra-estruturas ainda são uma barreira, Público, 04/06/2019	25
16. Telessaúde é uma prioridade mas as infraestruturas são uma barreira, Público Online, 04/06/2019	26
17. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, RTP Online, 04/06/2019	28
18. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Rádio Comercial Online, 04/06/2019	30
19. Telessaúde usada em 87% dos hospitais - Notícias, Rádio Nova Online, 04/06/2019	32
20. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, S+ Online, 04/06/2019	34
21. Telessaúde é utilizada em 87% dos hospitais, mas inteligência artificial não chega sequer a metade, Sapo	36

Online - Sapo 24 Online, 04/06/2019

- |   |    |
|---|----|
| 22. Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade, Sapo Online - Sapo Lifestyle Online, 04/06/2019 | 38 |
| 23. Inteligência artificial não chega a metade dos hospitais - Saúde Online, Saúde Online, 04/06/2019                                     | 40 |
| 24. Telessaúde usada nos hospitais mas as infraestruturas são um problema, SIC Notícias Online, 04/06/2019                                | 42 |
| 25. Telessaúde usada em 87% dos hospitais, mas inteligência artificial não chega a metade, Smooth FM Online, 04/06/2019                   | 44 |
| 26. Telessaúde usada em 87% dos hospitais, Sábado Online, 04/06/2019  | 46 |
| 27. Telessaúde usada em 87% dos hospitais. Inteligência artificial não chega a metade, TSF Online, 04/06/2019                             | 48 |

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais, mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Cidade Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=9f83d89d>

Cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários.

No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto.

Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação

dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Cidade

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Correio da Manhã Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=a6e3a2d4>

Telerrastreio e a teleconsulta são os mais usados.

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser esta terça-feira apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que

existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

[Additional Text]:

Hospital

Serviço Nacional de Saúde

Hospital

Serviço Nacional de Saúde

Hospital

Serviço Nacional de Saúde

## Telessaúde em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: Dinheiro Vivo Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=25249812>

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Dinheiro Vivo/Lusa

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Diário de Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=ab620d9f>

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal. Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa. Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados. Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso. Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa. Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares. Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde. "Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro. A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros. No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso. "É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço. O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir". Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes. O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo. O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Lusa

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Impala Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=e27614c1>

4 Jun 2019 | 0:02

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que

existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

ARP // ZO

By Impala News / Lusa

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Informa+ Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=6d74812c>

Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade Atualidade Por Lusa Atualizado a 4 Jun, 2019, 0:17 21 PARTILHE

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

PUB

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou

extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Lusa

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Jogo Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=cd8517b5>

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal. Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa. Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados. Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso. Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa. Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares. Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde. "Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro. A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros. No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso. "É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço. O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir". Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes. O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo. O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Lusa

## Telessaúde é usada em 87% dos hospitais do SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: Jornal Económico Online (O)

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1bb886c5>

Mais de 80% dos hospitais do Serviço Nacional de Saúde recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal

Mais de 80% dos hospitais do Serviço Nacional de Saúde (SNS) recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que

existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Ler mais

Jornal Económico com Lusa

## SNS: telessaúde usada em 87% dos hospitais

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: Jornal Médico.pt Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=737140>

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados da agência Lusa.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", afirma Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para

investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Jornal Médico

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Lusa Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=ae62f058>

Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Lisboa, 04 jun (Lusa) - Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

O conteúdo completo está disponível apenas para Subscritores.

Entrar

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	04/06/2019
Meio:	Netfarma Online	Autores:	M. Oliveira

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=6232c68d>

Mais de 80% dos hospitais do SNS que recorrem à telessaúde, assim como os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal. Estes dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde.

Cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários, e cerca de 87% já aplicam estas ferramentas de saúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes. Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, e cerca de 50% têm teleconsultas. Já com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que servem para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Segundo dados apurados pela Agência Lusa, 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde. Esta também é a razão apresentada para a adoção de projetos de inteligência artificial

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais (computadores) usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

Quanto à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Em curso estão projetos como transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

moliveira

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais do SNS

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: Notícias ao Minuto Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=19e9006a>

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para

investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

[Additional Text]:

Telessaúde usada em 87% dos hospitais do SNS

Lusa

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Notícias de Coimbra Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=d0d87209>

Coimbra · Saúde

Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

por Notícias de Coimbra

Junho 4, 2019

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

email

PARTILHE ESTA NOTÍCIA COM OS SEUS AMIGOS

Notícias de Coimbra

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Observador Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=d6aec104>

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade dos hospitais.

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Continuar a ler

Agência Lusa



# Telessaúde é uma prioridade mas as infra-estruturas ainda são uma barreira

**Tecnologia**  
Ana Maia

**Mais de 90% dos administradores hospitalares responderam ao primeiro barómetro sobre telessaúde**

A telessaúde é uma prioridade para os administradores hospitalares, mas as infra-estruturas são uma das principais barreiras à implementação destes projectos. Estas são duas das conclusões do primeiro *Barómetro da Adopção da Telessaúde e Inteligência Artificial no Sistema de Saúde*, promovido pela Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH).

Os dados são apresentados hoje em Lisboa. O barómetro contou com a colaboração da Glintt – Global Intelligent Technologies, uma parceria da Escola Nacional de Saúde Pública e o apoio institucional dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde. O inquérito foi disponibilizado *online* entre os dias 15 de Abril e 6 de Maio e teve como destinatários todos os profissionais a exercer funções de topo nas diversas entidades do sistema de saúde públicas e privadas. Das 36 respostas válidas, 24 foram de hospitais do Serviço Nacional de Saúde (o que representa 48% do universo dos hospitais do SNS).

De acordo com os resultados, a que o PÚBLICO teve acesso, 53% dos administradores disseram que a

implementação da telessaúde “é uma das prioridades” da sua instituição, 96% consideraram “que ajuda a colmatar a falta de resposta” das unidades de saúde e que o recurso a este sistema promove uma melhor gestão da doença por parte dos doentes. Também para 96% dos administradores “a telessaúde desempenha um papel muito importante na monitorização remota de doentes crónicos”.

O barómetro revela ainda que 87% dos hospitais do SNS que responderam ao inquérito têm implementado pelo menos um projecto nesta área, sendo a maioria telerrastreios e teleconsulta. Quanto a barreiras na adopção da telessaúde, as infra-estruturas tecnológicas desadequadas somam 61% das respostas. Segue-se a baixa literacia e a falta de motivação dos profissionais para adoptar esta tecnologia. Curiosamente, algumas destas áreas foram igualmente identificadas como facilitadoras da implementação de projectos.

Já quanto à inteligência artificial, 47% das instituições afirmam ter projectos nesta área. No top 3 dos projectos em fase piloto ou implementados, estão iniciativas relacionadas com a transcrição de voz, agendamento de consultas ou cirurgias e interpretação de informação dos processos clínicos. Mais uma vez, a falta de infra-estruturas adequadas é apontada como uma barreira. Assim como a ausência de cientistas de dados.

“Estes dados são importantes para a definição da estratégia nacional dos sistemas de informação em saúde. Há uma percentagem do orçamento que deve ser alocada aos sistemas de informação e que deve ser crescente. Mas o que vemos é que esta componente ainda é muito limitada. O barómetro também serve de alerta para isso. Este financiamento deve ser usado na formação dos profissionais e na actualização dos sistemas”, considera Alexandre Lourenço, presidente da APAH.

O responsável salienta que a grande limitação apontada pelos gestores são as infra-estruturas. “Muitos hospitais recebem financiamento, mas é claramente insuficiente.” O responsável considera que o momento que se está a viver no sector – com falta de recursos humanos e financeiros – “está a ser uma limitação no desenvolvimento destas novas tecnologias”.



**Este é o primeiro barómetro sobre telessaúde em Portugal**

## Telessaúde é uma prioridade mas as infraestruturas são uma barreira

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	04/06/2019
Melo:	Público Online	Autores:	Ana Marques Maia

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f959c22f>

Mais de 90% dos administradores hospitalares que responderam ao primeiro barómetro sobre telessaúde, consideram que a "a tele-saúde desempenha um papel muito importante na monitorização remota de doentes crónicos".

Foto

NEG NELSON GARRIDO

A telessaúde é uma prioridade para os administradores hospitalares, mas as infra-estruturas são uma das principais barreiras à implementação destes projectos. Estas são duas das conclusões do primeiro Barómetro da Adopção da Telessaúde e Inteligência Artificial no Sistema de Saúde, promovido pela Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH).

Os dados são apresentados esta terça-feira, em Lisboa. O barómetro contou com a colaboração da Glintt - Global Intelligent Technologies, uma parceria da Escola Nacional de Saúde Pública e o apoio institucional dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde. O inquérito foi disponibilizado online entre os 15 de Abril e 6 de Maio e teve como destinatários todos os profissionais a exercer funções de topo nas diversas entidades do sistema de saúde públicas e privadas. Das 36 respostas válidas, 24 foram de hospitais do Serviço Nacional de Saúde (o que representa 48% do universo dos hospitais do SNS).

De acordo com os resultados, a que o PÚBLICO teve acesso, 53% dos administradores disseram que a implementação da telessaúde "é uma das prioridades" da sua instituição, 96% consideraram "que ajuda a colmatar a falta de resposta" das unidades de saúde e que o recurso a este sistema promove uma melhor gestão da doença por parte dos doentes. Também para 96% dos administradores a "a telessaúde desempenha um papel muito importante na monitorização remota de doentes crónicos".

O barómetro revela ainda que 87% dos hospitais do SNS que responderam ao inquérito têm implementado pelo menos um projecto nesta área, sendo a maioria telerrastreios e teleconsulta. Quanto a barreiras na adopção da telessaúde, as infraestruturas tecnológicas desadequadas somam 61% das respostas. Segue-se a baixa literacia nesta área e a falta de motivação dos profissionais na adopção desta tecnologia. Curiosamente, algumas destas áreas foram igualmente identificadas como facilitadoras da implementação de projectos.

Já quanto à inteligência artificial, 47% das instituições afirmam ter projectos nesta área. No top 3 dos projectos em fase piloto ou implementados estão iniciativas relacionadas com a transcrição de voz, agendamento de consultas ou cirurgias e interpretação de informação dos processos clínicos. Mais uma vez, a falta de infraestruturas adequadas é apontada como uma barreira. Assim como a ausência de cientistas de dados.

"Estes dados são importantes para a definição da estratégia nacional dos sistemas de informação em saúde. Há uma percentagem do orçamento que deve ser alocada aos sistemas de informação e que

deve ser crescente. Mas o que vemos é que esta componente ainda é muito limitada. O barómetro também serve de alerta para isso. Este financiamento deve ser usado na formação dos profissionais e na actualização dos sistemas", considera Alexandre Lourenço, presidente da APAH.

O responsável salienta que a grande limitação apontada pelos gestores são as infra-estruturas. "Muitos hospitais recebem financiamento, mas é claramente insuficiente", reforça. O responsável considera que o momento que se está a viver no sector - com falta de recursos humanos e financeiros - "está a ser uma limitação no desenvolvimento destas novas tecnologias".

Ana Maia

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: RTP Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=24041ef>

Lusa04 Jun, 2019, 07:37 | País

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais (computadores) usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que

existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Rádio Comercial Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=3a2b105e>

04 de junho de 2019 às 07:45Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários.

No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto.

Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Rádio Comercial

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais - Notícias

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: Rádio Nova Online

URL: <http://www.radionova.fm/noticias/ler/39403>

Tweet

04 de Junho de 2019 | por Lusa

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que

existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: S+ Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=5676afa5>

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

## Telessaúde é utilizada em 87% dos hospitais, mas inteligência artificial não chega sequer a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Sapo Online - Sapo 24 Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1de5ff41>

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

Continuar a ler

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que

existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Newsletter As notícias não escolhem hora, mas o seu tempo é precioso. O SAPO 24 leva ao seu email a informação que realmente importa comentada pelos nossos cronistas. Subscriver Já subscrevi Notificações Porque as notícias não escolhem hora e o seu tempo é precioso. Subscriver Na sua rede favorita Siga-nos na sua rede favorita.

MadreMedia / Lusa

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Sapo Online - Sapo Lifestyle Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=4367f57d>

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Continuar a ler

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que

existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Newsletter Receba o melhor do SAPO Lifestyle diariamente no seu email. Subcrever Já subcrevi  
Notificações Os temas mais inspiradores e atuais estão nas notificações do SAPO Lifestyle. Subcrever  
Na sua rede favorita Siga-nos na sua rede favorita.

SAPO

## Inteligência artificial não chega a metade dos hospitais - Saúde Online

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: Saúde Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=53f50857>

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

LUSA

ler mais

## Telessaúde usada nos hospitais mas as infraestruturas são um problema

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: SIC Notícias Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=b0297d1e>

Dados vão ser apresentados hoje em conferência na Associação Nacional de Farmácias, em Lisboa.

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Lusa

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais, mas inteligência artificial não chega a metade

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Meio: Smooth FM Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=f2f87cc8>

Cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários

Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários.

No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto.

Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

today 04 de junho de 2019

Smooth FM

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: Sábado Online

URL: <https://www.sabado.pt/portugal/detalhe/telessaude-usada-em-87-dos-hospitais>

O telerrastreio e a teleconsulta são os mais usados nos hospitais do SNS. No entanto, os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal. - Portugal , Sábado

recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser esta terça-feira apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela

Organização Mundial da Saúde

como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

[Additional Text]:

Telessaúde usada em 87% dos hospitais

Lusa

## Telessaúde usada em 87% dos hospitais. Inteligência artificial não chega a metade

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 04/06/2019

Melo: TSF Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=6d327326>

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde que serão apresentados numa conferência em Lisboa.

Um "kit" de Telessaúde.

© Maria João Gala / Global Imagens

PorLusa04 Junho, 2019 . 09:20Partilharesteste artigoFacebookTwitterWhatsAppE-mailPartilharComentar  
Mais de 80% dos hospitais do SNS recorrem à telessaúde, sendo o telerrastreio e a teleconsulta os mais frequentes, mas os projetos de inteligência artificial ainda não chegaram a metade das instituições de saúde em Portugal.

Pub

Os dados constam do Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde e vão ser hoje apresentados numa conferência em Lisboa.

Ao todo, cerca de 75% das instituições de saúde já têm implementados projetos de telessaúde, o que inclui os cuidados de saúde primários. No universo dos hospitais do SNS são 87% as unidades que já aplicam estas ferramentas de saúde, consideradas pela Organização Mundial da Saúde como fundamentais para melhorar o acesso aos cuidados.

Mais de metade dos hospitais usam o rastreio à distância, nomeadamente na área da dermatologia, e também mais de 50% têm teleconsultas, segundo os dados a que a agência Lusa teve acesso.

FecharSubscrever newsletter

Subscreva a nossa newsletter e tenha as notícias no seu e-mail todos os dias

SubscreverMuito obrigado pelo seu registo.

Com menor expressão nos hospitais do SNS, surgem as áreas da teletriagem e da telerreabilitação, que serve para acompanhar e dar recomendações a doentes que estão em casa.

Para 96% das instituições inquiridas a telessaúde tem um papel "muito importante" na monitorização de doentes crónicos e para 75% permite reduzir as readmissões hospitalares.

Apesar da importância que é atribuída, seis em cada 10 instituições considera que a infraestrutura tecnológica (como acesso à internet ou largura de banda) é a principal barreira no desenvolvimento da telessaúde.

"Claramente a maior barreira é a infraestrutura tecnológica. Muitas vezes, nos hospitais, mesmo internamente, ainda hoje os terminais [computadores] usados pelos profissionais de saúde têm muitas limitações", comentou à Lusa Alexandre Lourenço, presidente da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares (APAH), uma das instituições envolvidas no Barómetro.

A infraestrutura tecnológica é também um dos motivos encarados como barreira à adoção de projetos de inteligência artificial, a par da falta de "cientistas de dados". Segue-se a ausência de recursos financeiros.

No que respeita à inteligência artificial, apenas 47% das instituições têm projetos em implementação ou em fase piloto. Transcrição por voz, agendamento de atividades clínicas e interpretação ou extração de informação dos processos clínicos são as áreas com mais projetos em curso.

"É uma área que tem ainda uma grande limitação, até porque depende da qualidade dos dados que existem", afirmou Alexandre Lourenço.

O presidente da APAH acrescenta ainda que as tecnologias da inteligência artificial têm custos acrescidos e que os hospitais hoje, "dadas as restrições financeiras, não têm disponibilidade para investir".

Para que Portugal tenha "um avanço mais consistente" é preciso ter "uma percentagem garantida dos orçamentos do SNS dedicados a estas áreas", sugere Alexandre Lourenço, frisando que são questões essenciais para melhorar o acesso dos doentes.

O representante dos administradores hospitalares considera que o sistema de saúde português "não se adaptou da forma como seria desejável" a estas questões tecnológicas, ao contrário do que sucedeu em áreas como o retalho ou o setor bancário, por exemplo.

O Barómetro sobre telessaúde e inteligência artificial no sistema de saúde é uma iniciativa da Associação Portuguesa dos Administradores Hospitalares, da Escola Nacional de Saúde Pública, dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde e da empresa de tecnologia e consultoria Glintt.

Lusa